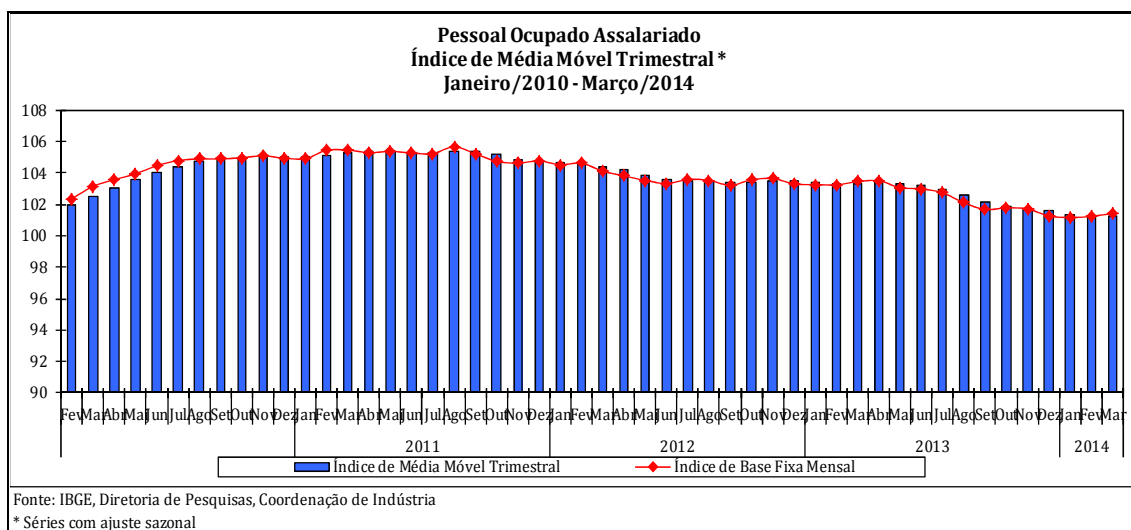


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em março de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou variação positiva de 0,2% frente ao patamar do mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após apontar taxa positiva de 0,1% em fevereiro último. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral repetiu no trimestre encerrado em março de 2014 (0,0%) o patamar assinalado no mês anterior e interrompeu a trajetória descendente iniciada em abril do ano passado. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o emprego na indústria apontou retração de 0,3% no período janeiro-março de 2014, quinta taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto, mas com ritmo de queda menos intenso do que os observados no terceiro (-1,0%) e quarto (-0,6%) trimestres de 2013.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 1,9% em março de 2014, trigésimo resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto. No índice acumulado para o primeiro trimestre de 2014, o total do pessoal ocupado na indústria assinalou recuo de 2,0%, intensificando, assim, o ritmo de queda frente ao registrado no segundo (-0,5%), terceiro (-1,2%) e quarto (-1,8%) trimestres de 2013, todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 1,4% em

março de 2014, manteve a trajetória ligeiramente descendente iniciada em agosto do ano passado (-1,0%).

No confronto com igual mês do ano anterior, o emprego industrial recuou 1,9% em março de 2014, com o contingente de trabalhadores apontando redução em dez dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-2,8%), pressionado em grande parte pela redução no total do pessoal ocupado em treze das dezoito atividades, com destaque para as indústrias de produtos de metal (-12,4%), máquinas e equipamentos (-7,8%), calçados e couro (-12,3%), produtos têxteis (-6,3%), alimentos e bebidas (-1,8%), refino de petróleo e produção de álcool (-9,5%), minerais não-metálicos (-4,6%), outros produtos da indústria de transformação (-5,2%) e meios de transporte (-1,6%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-4,7%), Paraná (-3,0%) e Minas Gerais (-1,8%), com o primeiro influenciado, principalmente, pelas quedas verificadas nos setores de calçados e couro (-11,7%), máquinas e equipamentos (-6,5%), metalurgia básica (-19,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-13,7%), produtos de metal (-4,9%) e fumo (-10,2%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-33,4%), vestuário (-8,2%), outros produtos da indústria de transformação (-7,0%) e produtos de metal (-9,1%); e o último devido à retração registrada em calçados e couro (-10,0%), alimentos e bebidas (-2,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,4%), meios de transporte (-2,6%) e vestuário (-3,9%). Por outro lado, Pernambuco (4,9%) e Região Norte e Centro-Oeste (0,7%) apontaram as principais contribuições positivas sobre o emprego industrial do país em março de 2014, impulsionados, em grande parte, pelos setores de alimentos e bebidas (13,2%), no primeiro local; e de alimentos e bebidas (2,5%), de minerais não-metálicos (7,8%) e de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,2%), no segundo.

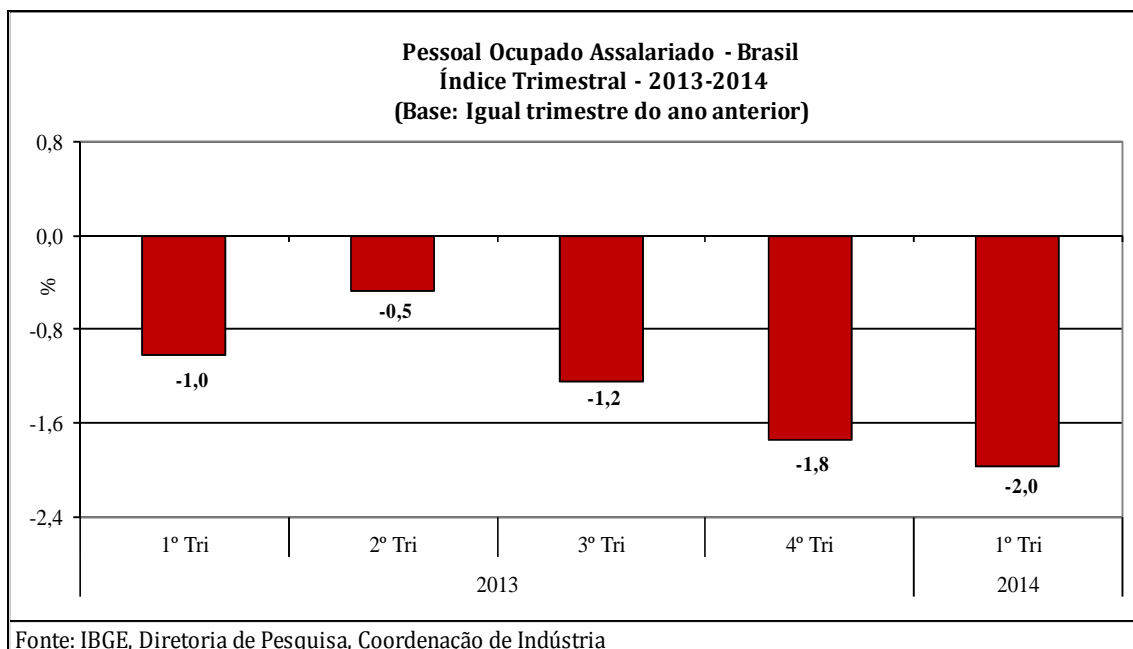
Setorialmente, ainda no índice mensal de março de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em quatorze dos dezoito ramos

pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de produtos de metal (-6,3%), máquinas e equipamentos (-5,0%), calçados e couro (-7,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,4%), meios de transporte (-2,2%), refino de petróleo e produção de álcool (-8,1%) e produtos têxteis (-3,5%). Por outro lado, o principal impacto positivo sobre a média da indústria foi observado no setor de alimentos e bebidas (1,6%).

No índice acumulado do primeiro trimestre de 2014, o emprego industrial mostrou queda de 2,0%, com taxas negativas em onze dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-3,1%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-3,9%), Paraná (-2,8%), Minas Gerais (-1,4%) e Região Nordeste (-1,0%). Por outro lado, a Região Norte e Centro-Oeste (0,7%) e Pernambuco (2,0%) exerceram as pressões positivas mais importantes no acumulado dos três primeiros meses do ano. Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de máquinas e equipamentos (-5,4%), produtos de metal (-6,2%), calçados e couro (-7,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,1%), produtos têxteis (-4,6%), meios de transporte (-2,1%) e refino de petróleo e produção de álcool (-7,1%). Em sentido contrário, os principais impactos positivos foram registrados por alimentos e bebidas (1,5%) e produtos químicos (2,2%).

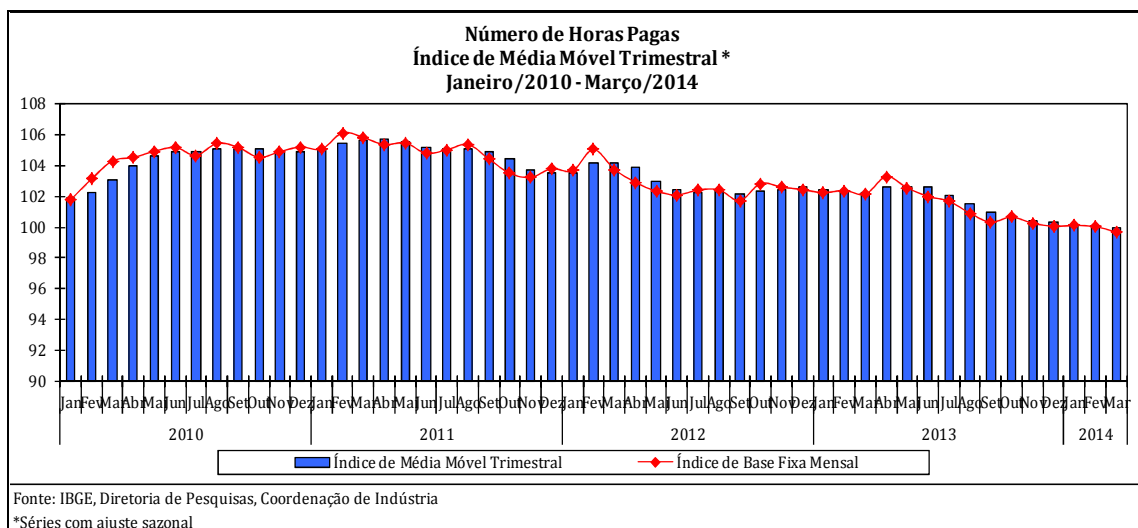
Na análise por trimestres, observa-se que o emprego industrial, ao recuar 2,0% no primeiro trimestre de 2014, apontou o décimo trimestre consecutivo de resultados negativos, aumentando a intensidade no ritmo de queda frente ao índice do quarto trimestre do ano (-1,8%), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Entre esses dois períodos, onze dos dezoito setores e nove dos quatorze locais pesquisados mostraram perda de dinamismo, com destaque para meios de transporte, que passou de 0,1% no período outubro-dezembro de 2013 para -2,1% no trimestre seguinte, seguido por calçados e couro (de -5,6% para -7,3%), produtos

têxteis (de -3,1% para -4,6%), máquinas e equipamentos (de -3,9% para -5,4%), borracha e plástico (de 2,4% para 1,0%) e refino de petróleo e produção de álcool (de -5,8% para -7,1%), entre as atividades, e Rio Grande de Sul (de -2,4% para -3,9%), Paraná (de -1,2% para -2,8%) e São Paulo (de -2,2% para -3,1%), entre os locais.



NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em março de 2014, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, mostrou variação negativa (-0,3%) frente ao nível do mês imediatamente anterior, segunda taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto, período em que acumulou perda de 0,4%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral, também apontou variação negativa (-0,1%) no trimestre encerrado em março de 2014 frente ao patamar do mês anterior, mantendo a trajetória descendente iniciada em junho de 2013. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o número de horas pagas na indústria apontou variação negativa de 0,4% no período janeiro-março de 2014, terceira taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto, mas com ritmo de queda menos intenso do que os observados no terceiro (-1,6%) e quarto (-0,6%) trimestres de 2013.



O número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, ao mostrar recuo de 2,4% no índice mensal de março de 2014, assinalou a décima taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto. No índice acumulado do primeiro trimestre de 2014, o número de horas pagas na indústria recuou 2,3%, intensificando o ritmo de queda frente ao registrado no último trimestre de 2013 (-2,1%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -1,3% em fevereiro para -1,4% em março de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro de 2013 (-1,0%).

Em março de 2014, o número de horas pagas recuou 2,4% no confronto com igual mês do ano anterior, com taxas negativas em dez dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito ramos pesquisados. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,4%), máquinas e equipamentos (-6,9%), produtos de metal (-7,5%), calçados e couro (-7,7%), produtos têxteis (-5,7%) e meios de transporte (-2,8%). Em sentido contrário, os setores de alimentos e bebidas (1,8%), de borracha e plástico (1,9%), de produtos químicos (1,5%) e de minerais não-metálicos (1,0%) assinalaram os impactos positivos neste mês.

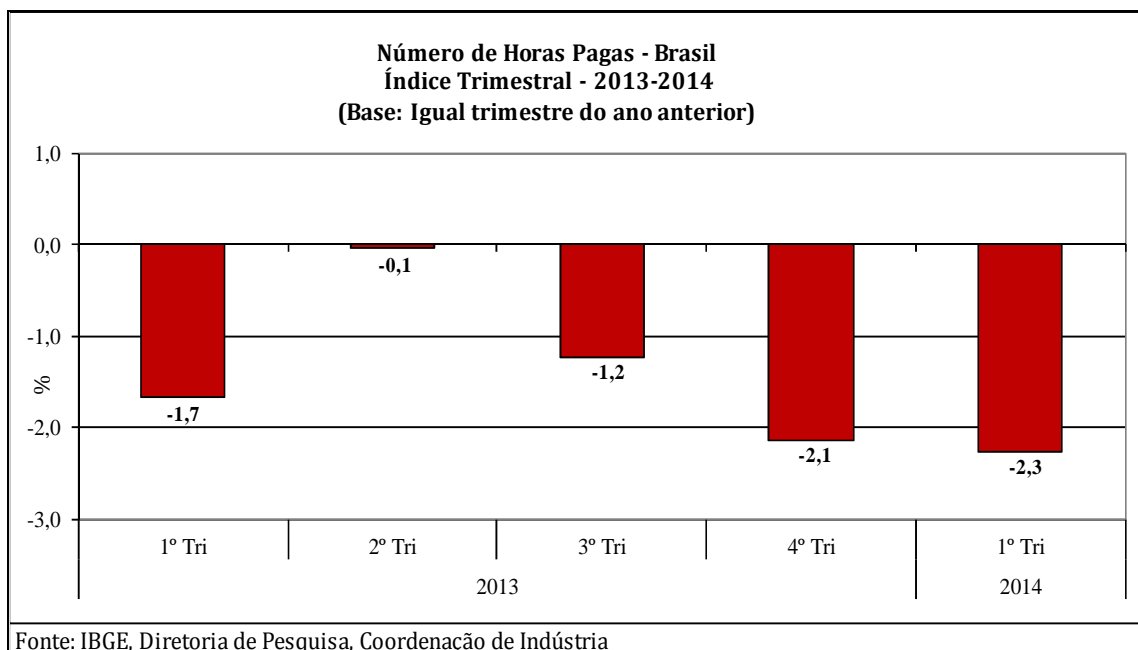
Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-3,5%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país em março de 2014, pressionado em grande parte pela redução no número

de horas pagas nos setores de máquinas e equipamentos (-10,0%), produtos de metal (-14,5%), meios de transporte (-5,0%), produtos têxteis (-9,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,4%) e minerais não-metálicos (-4,2%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Rio Grande do Sul (-5,8%), devido, sobretudo, aos recuos verificados em calçados e couro (-14,2%), máquinas e equipamentos (-11,8%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-13,9%), produtos de metal (-5,8%) e metalurgia básica (-18,7%); Paraná (-4,1%), explicada em grande medida pela queda nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-41,1%), produtos de metal (-14,6%), meios de transporte (-6,5%), outros produtos da indústria de transformação (-5,2%) e madeira (-7,0%); Região Nordeste (-1,6%), com destaque para as quedas registradas em calçados e couro (-3,9%), indústrias extrativas (-10,2%), produtos têxteis (-5,1%) e borracha e plástico (-5,4%); Minas Gerais (-1,4%), em função, principalmente, dos recuos observados em alimentos e bebidas (-3,2%), calçados e couro (-9,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-4,2%), borracha e plástico (-6,8%) e outros produtos da indústria de transformação (-3,8%); e Bahia (-4,4%), por conta especialmente das quedas verificadas nos ramos de calçados e couro (-7,1%), produtos de metal (-19,3%), máquinas e equipamentos (-14,3%) e indústrias extrativas (-10,0%). Por outro lado, Pernambuco (4,7%) e Região Norte e Centro-Oeste (1,0%) exerceram os principais impactos positivos sobre o total do número de horas pagas nesse mês, impulsionados, em grande parte, pela expansão verificada nos setores de alimentos e bebidas (14,5%), produtos químicos (7,8%) e vestuário (5,3%), no primeiro local; e de minerais não-metálicos (14,6%) e alimentos e bebidas (1,3%), no último.

No índice acumulado do primeiro trimestre de 2014 houve recuo de 2,3% no número de horas pagas, com quatorze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de máquinas e equipamentos (-6,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,3%), produtos de metal (-7,0%), calçados e couro (-7,4%) e produtos têxteis

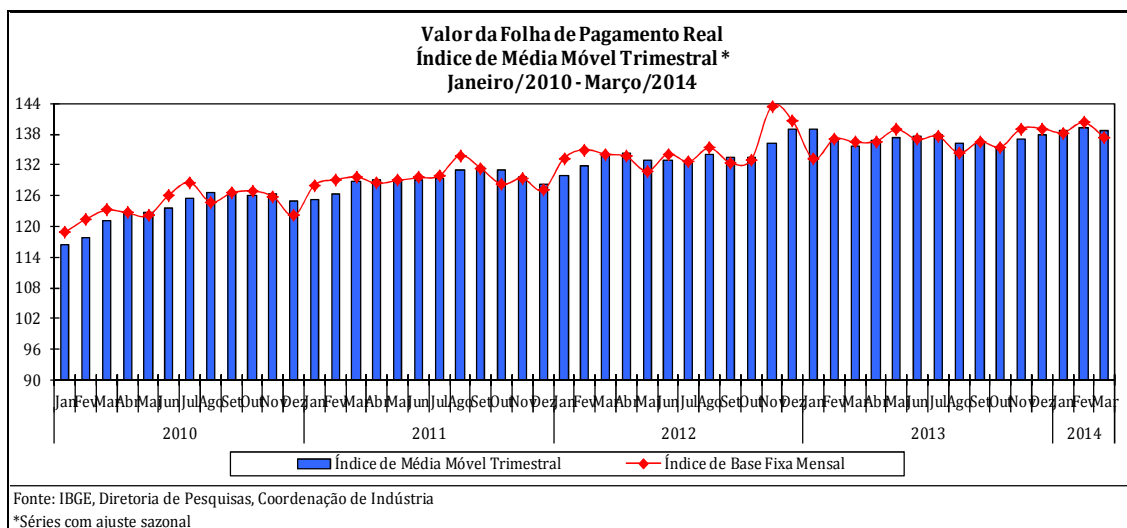
(-5,7%). Em sentido oposto, os setores de alimentos e bebidas (1,1%), de minerais não-metálicos (1,8%) e de borracha e plástico (1,7%) exerceram as principais contribuições positivas sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, dez dos quatorze locais apresentaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 3,5% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-4,7%), Paraná (-4,0%), Região Nordeste (-2,2%) e Minas Gerais (-1,9%). Em contrapartida, a Região Norte e Centro-Oeste (2,0%) assinalou a influência positiva mais relevante nos três primeiros meses de 2014.

Em bases trimestrais, o número de horas pagas apontou queda de 2,3% no período janeiro-março de 2014, décima primeira taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto, e intensificou o ritmo de queda frente ao resultado do último trimestre de 2013 (-2,1%), todas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A perda de dinamismo no total do número de horas pagas entre o quarto trimestre do ano passado e o primeiro de 2014 foi acompanhada por doze setores e oito locais. Entre as atividades, as maiores perdas de ritmo entre os dois períodos foram registradas por máquinas e equipamentos, que passou de -4,1% no período outubro-dezembro de 2013 para -6,3% no período janeiro-março de 2014, seguida por meios de transporte (de -0,9% para -2,3%), produtos têxteis (de -4,0% para -5,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (de -6,9% para -8,3%) e borracha e plástico (de 2,9% para 1,7%). Enquanto, entre os locais, Rio Grande do Sul (de -2,5% para -4,7%), Paraná (de -2,6% para -4,0%), Ceará (de -0,3% para -1,7%), Espírito Santo (de -3,2% para -3,9%) e São Paulo (de -2,9% para -3,5%) foram os que mais recuaram entre os dois períodos.



FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em março de 2014, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 2,1% frente ao mês imediatamente anterior, após assinalar avanço de 1,5% em fevereiro último. Vale destacar que nesse mês verifica-se a influência negativa tanto da indústria de transformação (-1,5%), como do setor extrativo (-1,5%). O índice de média móvel trimestral para o total da indústria assinalou variação negativa de 0,4% na passagem dos trimestres encerrados em fevereiro e março de 2014 e interrompeu a trajetória ascendente iniciada em outubro último. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o valor da folha de pagamento real da indústria apontou expansão de 0,5% no período janeiro-março de 2014 e assinalou o segundo trimestre seguido de crescimento, mas em ritmo menos intenso do que o observado no último trimestre do ano passado (1,3%).



Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real assinalou crescimento de 0,5% em março de 2014, terceiro resultado positivo consecutivo nesse tipo de confronto. No índice acumulado no primeiro trimestre de 2014, o valor da folha de pagamento real na indústria avançou 2,1% e reverteu a queda de 1,6% observada no último trimestre de 2013, ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao crescer 1,4% em março de 2014, mostrou ligeira perda de ritmo frente aos resultados de janeiro (1,6%) e fevereiro (1,5%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou avanço de 0,5% em março de 2014, com resultados positivos em nove dos quatorze locais investigados. Os principais impactos positivos sobre a média global foram observados em Santa Catarina (4,5%) e na Região Norte e Centro-Oeste (3,8%), impulsionados em grande parte pelos avanços registrados por alimentos e bebidas (8,6%), máquinas e equipamentos (6,3%), vestuário (7,3%), borracha e plástico (9,4%), produtos têxteis (5,1%) e minerais não-metálicos (9,3%), no primeiro local, e alimentos e bebidas (8,5%) e minerais não-metálicos (21,3%), no segundo. Vale citar também os resultados positivos assinalados por Espírito Santo (7,9%), Paraná (1,4%), Rio Grande do Sul (1,4%) e Minas Gerais (0,9%), com o primeiro influenciado principalmente pelos avanços verificados nos setores de metalurgia básica (36,5%), indústrias extrativas (7,2%) e minerais não-

metálicos (5,8%); o segundo por conta das expansões registradas em meios de transporte (10,7%), alimentos e bebidas (7,6%) e produtos químicos (8,0%); e o terceiro explicado especialmente pelo crescimento de 95,0% assinalado pelo ramo de fumo, em razão do pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor; e o quarto em função dos avanços verificados em minerais não-metálicos (12,2%), papel e gráfica (24,7%), fumo (320,1%), por conta do pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, alimentos e bebidas (4,1%), indústrias extrativas (3,0%) e produtos químicos (6,7%). Em sentido contrário, as principais influências negativas foram assinaladas pelo Rio de Janeiro (-6,1%) e Bahia (-4,7%), pressionadas, em grande parte, por papel e gráfica (-44,8%), influenciada pela elevada base de comparação por conta do pagamento de participação nos lucros em importante empresa do setor em março de 2013, meios de transporte (-7,7%) e máquinas e equipamentos (-7,1%), no primeiro local, e produtos químicos (-10,5%), calçados e couro (-15,0%), produtos de metal (-21,3%), indústrias extrativas (-5,3%) e máquinas e equipamentos (-15,0%), no segundo.

Setorialmente, ainda no índice mensal de março de 2014, o valor da folha de pagamento real no total do país avançou em nove dos dezoito ramos investigados, com destaque para alimentos e bebidas (5,6%), borracha e plástico (6,8%), fumo (92,9%), impulsionado pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, minerais não-metálicos (3,3%) e indústrias extrativas (1,9%). Por outro lado, os principais impactos negativos foram verificados nos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-4,7%), produtos de metal (-4,7%), meios de transporte (-1,5%), papel e gráfica (-2,7%), produtos químicos (-1,5%) e calçados e couro (-4,3%).

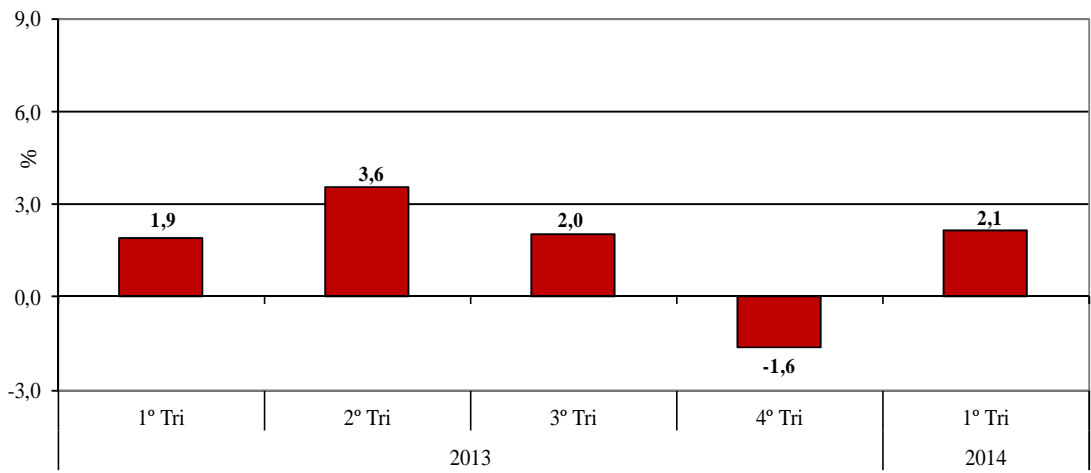
No índice acumulado no primeiro trimestre de 2014, o valor da folha de pagamento real avançou 2,1%, com taxas positivas em dez dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição positiva sobre o total da indústria foi assinalada por São Paulo (2,3%) vindo a seguir as influências registradas por Região Norte e Centro-Oeste (6,7%), Minas Gerais (3,0%),

Paraná (3,9%) e Santa Catarina (4,3%). Em sentido contrário, os impactos negativos mais importantes foram observados no Rio de Janeiro (-2,3%), Região Nordeste (-0,9%) e Bahia (-2,4%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em doze das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (5,0%), meios de transporte (4,0%), borracha e plástico (6,3%), minerais não-metálicos (7,1%), indústrias extrativas (2,1%), vestuário (3,6%), metalurgia básica (2,1%) e fumo (37,3%). Por outro lado, os setores de papel e gráfica (-2,1%), produtos de metal (-1,0%), máquinas e equipamentos (-0,5%) e madeira (-4,1%) assinalaram as principais contribuições negativas no índice acumulado nos três primeiros meses do ano.

Na análise trimestral, o valor da folha de pagamento real avançou 2,1% no primeiro trimestre de 2014 e reverteu a queda de 1,6% assinalada no último trimestre de 2013, ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. Esse ganho de ritmo verificado em quinze das dezoito atividades pesquisadas, com destaque para alimentos e bebidas, que passou de -0,4% para 5,0%, meios de transporte (de -1,5% para 4,0%) e produtos de metal (de -6,4% para -1,0%). Já entre os locais investigados, onze dos quatorze aumentaram o valor da folha de pagamento real entre esses dois períodos, com destaque para Paraná, que passou de -3,9% para 3,9%, Pernambuco (de -5,6% para 1,1%) e Região Norte e Centro-Oeste (de 1,5% para 6,7%).

Valor da Folha de Pagamento Real - Brasil
Índice Trimestral - 2013-2014
(Base: Igual trimestre do ano anterior)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Indústria